

INTRODUÇÃO

O desencontro de tempos é, em si mesmo, a condição que alimenta a vasta bibliografia sobre o devir das Humanidades, em geral, e dos estudos literários, em particular. É também no tempo que radica o desacerto de ritmos – longo, o da literatura, precipitado, o da vida – que nos move da leitura profunda ao mundo da hiperleitura, de consequências ainda imprevisíveis.

Que a inércia do presente de todas as eras tende a reear deslocções dentro da cartografia das artes, compreendemo-lo, mas não o integramos; historiamos a eterna querela dos antigos e dos modernos, mas é sob suspeita que entreabrimos a porta aos novos modernos, naturalizáveis em Novas Humanidades.

Sempre coisa de poucos, a literatura integrou ideais hoje destronados, pelo menos ao nível da representação social comum. Num tempo de deriva digital, o receio de ter de abdicar do conforto da materialidade do livro, sempre disponível para ser aberto e folheável, esquece mudanças pretéritas, como o abandono dos remotos códices medievos, para não falar de suportes ainda mais longínquos, sempre implicando índices acentuados de exclusão. O acesso ao texto literário coloca-se hoje de forma diferente. A leitura democratizou-se e antecipou-se, inclusive, a faixa etária em que a fruição do texto se inicia. De há muito a técnica favorece a reproduzibilidade e tempos virão, permita-se a quimera, em que a estrada da internet será, de facto, gratuita e universal.

O crescendo de disponibilidade suscita uma natural resistência ao novo, ou por receio do que se não controla ou por esse outro temor maior de que o excesso da miragem faça desaparecer o que importaria fixar. Subsistirá a Literatura num *medium* saturado de “conteú-

dos” paraliterários? Será ainda uma instituição reconhecida e reconhecível na babel comunicativa dos nossos dias?

Neste contexto de incertezas, o ensino da literatura só pode convocar e interpelar os seus iniciados para o *forum* restrito que sempre foi o seu. Não obstante a rarefação ideológica que assinala os nossos dias, persiste um ideal de escola em nome do qual se insiste na transmissão de um legado que incorpora mas ultrapassa a aprendizagem instrumental da língua. Quer se coloque a tónica no cânone, quer se dê primazia ao diálogo interartes, a deriva tecnocrática impele à contra-legitimação da literatura enquanto arte e saber dinâmicos, refratária a dogmas e, justamente por isso, mais humana, libertária e provocadora.

Na sequência de muitas outras tentativas no mesmo sentido, é esta vivência da literatura que o presente volume tem a pretensão de espelhar, num tempo que é o nosso, no ano da graça de 2013, com a inevitável incompletude que edições deste teor comportam. Tal como sucedeu no passado e há de suceder no futuro, também desta vez está em causa uma paixão comum, um desejo de partilha, uma frustração insubmissa. Mais do que a aferição teórica ou metodológica, mais do que discussão sobre o papel que a literatura deve ocupar no espaço curricular, qualquer revisão do ensino da literatura acaba, afinal, por se centrar na paixão pelos livros e na crença de que vale a pena mantê-los na Escola.

Responderam ao repto lançado pela *Revista de Estudos Literários*, neste seu terceiro número, profissionais dos vários graus de Ensino. Os textos que assinam refletem uma intenção comum: a de repensar o lugar da Literatura na formação cultural dos jovens.

As cerca de 500 páginas que resultam desta reflexão conjunta equacionam, desde logo, problemas de carácter geral como a actualíssima questão do ensino da língua e da literatura (Telmo Verdelho); não falta, do mesmo modo, o testemunho que professores-escrito-

res legaram da sua experiência, contrariada, relutante ou entusiasta, mas sempre criativa e provocadora de sensibilidades recetivas (Rosa Goulart). A este panorama indutor de nostalgia ou de resignação, seguem-se as análises dos programas e os exemplos de aproximação à obra literária, numa perspetiva didática. Neste plano, Maria Isabel Rocheta, Margarida Braga Neves e Conceição Pereira ocupam-se concretamente do programa de Português do ensino básico, em vigor desde 2009, destacando a “continuidade estrutural”, o reforço do espaço concedido ao texto literário, de complexidade e extensão variável, clássico e contemporâneo, e sugerindo a indicação de leituras complementares mais precisas em prol de uma maior força coesiva.

A Revista inclui depois um conjunto de propostas destinadas a iluminar um cânone que continua a suscitar fé inabalável. É o caso da epopeia (Caio Gagliardi), da verve parodística que ambigualmente reescreve modelos consagrados (Cândido Oliveira Martins), ou da adaptação neutralizadora da opacidade do clássico, para consumo escolar (Rui Mateus). Num registo menos endógeno, sugere-se ainda o diálogo interartes, integrador do texto literário num concerto de afinidades (Amélia Correia), ou a instigação ética como forma de explorar o potencial formativo da literatura (Sara de Almeida Leite). Já fora do âmbito da formação académica obrigatória, a discussão estende-se ainda às virtualidades didáticas da literatura na lecionação do Português como língua estrangeira, envolvendo a candente questão da interculturalidade (Rosa Sequeira), e na formação superior em Jornalismo (Ana Teresa Peixinho).

Na secção não-temática, Darío Villanueva discute avatares do campo literário como *pós-literatura*, *desliteraturização*, *literatura portátil*, *ciberliteratura*, *literatura débil*, na ânsia oracular de antever qual o lugar reservado para a literatura enquanto referência de perenidade, na tentativa de saber se estas metamorfoses entrarão algum dia no “universo eminente da arte”. Com Fernando Guimarães, recua-

-se cerca de uma centúria para, com base na conjuntura da primeira metade de novecentos, se debater a natureza e as implicações da expressão artística em revistas de arte e de literatura, bem como as distintas missões que vieram a público nos sucessivos diálogos entre Modernismo, Presença, Surrealismo e Neo-realismo.

O apartado “Profissão” reúne entrevistas a quatro académicos de projeção internacional, cujos percursos também se distinguem por um pensamento próprio sobre o ensino da literatura. Os depoimentos recolhidos evocam percursos e opções individuais, mas implicam também condicionantes objetivas como o inventário das causas da desvalorização do campo literário face à hegemonia utilitarista (Carlos Reis); do mesmo modo, registam-se mutações ocorridas na Universidade brasileira no tocante à reorganização dos saberes, com a migração da literatura para os cursos de pedagogia, à abertura do ensino ao contemporâneo e à literatura infantil, e ao êxodo da literatura portuguesa dos *curricula* (Regina Zilberman); num plano diferente, sublinham-se os benefícios e os modos da leitura literária, a utilidade da sua docência, privilegiando os textos patrimoniais (Vincent Jouve); como não poderia deixar de ser quando se fala do deprecimento dos saberes humanísticos, passam-se em revista os perigos do modelo empresarial de universidade e o conseqüente logro dos ideais de *mérito* e de *excelência* (Remo Ceserani).

Sem que tenha havido uma planificação prévia que limitasse as propostas, a discussão do ‘clássico’ oferece-se neste volume como tema de eleição. O texto que integra a secção de arquivo propõe a revisitação de uma importante referência francesa sobre o conceito de clássico. Em texto introdutório da autoria de Osvaldo Manuel Silvestre, podemos seguir um instigante diálogo com Christopher Prendergast, um dos mais recentes estudiosos de Sainte-Beuve.

À semelhança do que sucede nos números anteriores, também desta vez foi possível reunir um elevado número de recensões críti-

cas, versando obras de estudos literários em língua portuguesa que as editoras gentilmente confiaram à coordenação da Revista.

A terminar, deixamos ao benévolo leitor o desejo sincero de que o volume que agora se edita cumpra o objetivo central que o ditou. Possam as vozes que aqui dialogam contribuir para que outras vozes se façam ouvir, avivando o interesse crítico por uma prática e por um ideal que permanentemente se reescreve em torno da memória literária e do papel do professor que, hoje como ontem, é confrontado com o enorme desafio de a mediar, acordar e reinventar.

Ana Maria Machado

Cristina Mello